

vida, tivermos feito a escolha definitiva. A salvação não consiste, pois, no gozo histórico das liberdades, na possibilidade de escolher, atributos essenciais às sociedades democráticas.

Antes de ser conquista humana, a salvação é dom de Deus. Nosso papel na terra, mais do que conquistar a salvação, salvarmo-nos a alma ou transformar a sociedade, é exprimir, na nossa vida, a liberdade do Espírito; irradiar, na sociedade, o amor e a liberdade derramados em nossos corações. Na terra, a comunidade da salvação é sacramento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

A salvação é, na sua essência, participação da vida no Espírito, liberdade vivida no fundo do coração. Consiste no fato de fazer, a partir de nós mesmos, do mais íntimo de nosso coração, tudo que fazemos. O Espírito de Jesus nos purifica das ilusões que embaraçam a transparência do nosso espírito. É Ele que permite ao coração dizer, livremente, sim a Deus, como Jesus o disse, e participar assim, como Jesus, da vida de Deus, que é a salvação, em meio à condição de pecado, de servo, de prisioneiro e de condenado, inclusive na morte.

Muitas vezes nos perguntamos ainda: de que nos salva Jesus? Do ponto de vista teológico, salva-nos de nós mesmos. Salva-nos do nosso passado, purificando-nos de todos

os obstáculos à participação da vida divina. Salva-nos do nosso presente, enxugando-nos todas as lágrimas. Salva-nos, enfim, do futuro que nos espera, se não deixarmos de ser o que somos, se não nos convertermos.

Para o ser humano satisfeito, para a cultura e para a civilização cheias de si mesmo, não há salvação, enquanto não se derem conta de que, no fundo de si mesmos, há exigências maiores do que a de viver o que vivem. Persistir no que se vive é passar ao largo da salvação de Deus, pois os caminhos de Deus não são os nossos caminhos.

Disso tudo é que Deus nos salva; no fundo, pois, salva-nos de nós mesmos.

A confissão de Jesus, Filho de Deus Salvador, comporta um absoluto: mais do que o cumprimento histórico de seu papel, que lhe valeu o título de Salvador, Jesus é o Filho de Deus e, como tal, é a própria salvação, que consiste em sermos filhos no Filho, filhos do mesmo Pai e participantes do mesmo Espírito, embora ainda peregrinando na terra, seguindo o caminho da Cruz.

Conferência proferida na Semana Teológica da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em 07/4/97, pelo professor Dr. Francisco Catão do Instituto Teológico Pio XI - São Paulo.

## A VERDADE PNEUMATOLÓGICA NO IV EVANGELHO

*Pe. Dr. Benedito Beni dos Santos*

### 1 - CONTEXTO HISTÓRICO-TEOLÓGICO

Os evangelhos sinóticos descrevem a ação do Espírito presente em Jesus. O quarto evangelho dá um passo a mais: apresenta uma reflexão teológica sobre a pessoa e a missão do Espírito a partir de uma perspectiva trinitária. Essa reflexão é feita tendo, por base, uma experiência carismática especial, diferente daquela vivida pela comunidade de Corinto<sup>1</sup>. Em Corinto, abundam carismas extraordinários e, de certo modo, espetaculares, como o falar em línguas e a cura dos enfermos. A experiência do Espírito, retratada na comunidade do quarto evangelho e da primeira carta, não tem caráter espetacular. Ela se expressa no testemunho, no amor, na resistência aos falsos profetas. A ação do Espírito se desenvolve, sobretudo, no nível da interioridade em vista da compreensão da verdade de Jesus Cristo. Ele é o mestre interior.

1 Cf. 1Cor 12;14.

2 Cf. Jo 16,13.

3 Cf. Jo 14,9.

4 Cf. Jo 2,22; 12,16

A teologia do Espírito do quarto evangelho é também reflexo do contexto histórico em que vivia a comunidade no fim do século primeiro: o desaparecimento dos apóstolos pela morte. Portanto, o desaparecimento das testemunhas oculares do Jesus histórico e do Cristo pascal. Com o desaparecimento dessas testemunhas, até certo modo insubstituíveis, não faltaria à comunidade os intérpretes autorizados da mensagem de Jesus? A resposta deve ser buscada no dom do Espírito Santo. É Ele que possibilita a compreensão da verdade de Jesus Cristo<sup>2</sup>. Até mesmo as testemunhas oculares do evento conseguiram descobrir quem Ele é, não porque presenciaram os acontecimentos no seu desenrolar temporal<sup>3</sup>, mas, graças à ação do Espírito<sup>4</sup>. O Espírito continua a operar nos crentes como operou nas testemunhas oculares. Ele é o elo interior que liga a Igreja, em qualquer tempo, à sua fonte originante: a pessoa de Jesus e sua mensagem. Ele é o

“outro Paráclito”, ou seja, alguém igual a Jesus. Ele é o revelador de Jesus, como Jesus o foi do Pai<sup>5</sup>.

Outro componente do contexto histórico-teológico é a questão da **parusia**. A expectativa da vinda do Senhor glorioso mantinha a Igreja em tensão para com o Reino em plenitude. Mas, em certo momento, surge a questão: porque a parusia do Senhor tarda tanto? A resposta do autor do quarto evangelho parece ser a seguinte: a volta de Jesus, de certo modo, já se deu no dom do Paráclito e através dele. Escreveu R. E. Brown: “O conceito de Paráclito que permanece para sempre, relativiza, no pensamento joanino, a demora da parusia. Não é trágico que Jesus não tenha voltado ainda, porque Ele de uma maneira muito real voltou no Paráclito e através dele”<sup>6</sup>.

O quarto evangelho insiste no testemunho nas perseguições<sup>7</sup>. Creio que essa insistência procede do fato de a comunidade ser formada por aqueles que eram expulsos da sinagoga, por marginalizados pelo judaísmo, como os samaritanos e outros. A propósito, observa R. Brown: “Acho que a cristandade joanina não consistia apenas no tipo de cristãos

judeus cuja herança foi preservada em muitas obras do NT, mas também de grupos semelhantes aos helenistas, mais radicais em suas atitudes em relação ao judaísmo. Havia igualmente samaritanos convertidos”<sup>8</sup>.

Esse me parece ser mais um elemento do contexto histórico, que devemos ter presente, para compreender a pneumatologia do quarto evangelho.

## 2 - A DOUTRINA PNEUMATOLÓGICA

Tradicionalmente a exegese acentuou o caráter cristológico do evangelho de S. João. Trata-se de uma cristologia original, fundamentada na preexistência de Jesus. O evangelho se inicia com a afirmação da preexistência<sup>9</sup>. Ela é confessada pelos discípulos e afirmada pelo próprio Jesus<sup>10</sup>. Mas o caráter **pneumatológico** do quarto evangelho não é menos forte do que o seu caráter cristológico. Ele foi, com muita razão, denominado por Clemente de Alexandria “o evangelho espiritual”. Já que o Espírito ensina, pois Ele é mestre “boa nova” não é

apenas o que Jesus fez e ensinou, mas também o que o Espírito realiza. No quarto evangelho, a mesma mensagem de Jesus, narrada pelos sinóticos, aparece numa nova perspectiva. É este justamente um dos aspectos da missão do Espírito: tornar sempre nova a mensagem de Jesus.

Não se trata porém, de uma pneumatologia paralela à cristologia, mas de uma pneumatologia relacionada essencialmente à cristologia. O pano de fundo desta profunda pneumatologia é a **perspectiva trinitária**, contida implicitamente no prólogo do evangelho e, explicitamente, no discurso da Ceia. A propósito do prólogo, afirma S. Bulgakov: “... o prólogo do evangelho joanino não pode ser considerado somente uma logologia, mas inclui a plenitude da teologia trinitária e, portanto, em particular, uma pneumatologia, ainda que esta última seja apresentada silenciosamente, como em um suspiro...”<sup>11</sup>. A título de exemplo, cito o seu comentário aos seguintes versículos do prólogo: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com

Deus”<sup>12</sup>. Qual o significado desta preposição (com) mencionada uma segunda vez? pergunta ele. E responde: “A exegese corrente parece não lhe atribuir nenhum. Todavia, neste sagrado texto, tão denso de sentido e importância, seria possível descuidar de uma preposição que exprime a relação entre o Pai e o Filho? Esta relação é essencial e, mais ainda, hipostática; é justamente o Espírito Santo, qual amor hipostático do Pai e do Filho. Logo, é de toda a santíssima Trindade que fala este texto, ainda que o faça de modo velado”<sup>13</sup>.

A partir do pano de fundo trinitário, implícito no prólogo, Bulgakov encontra, nos diversos capítulos do evangelho, referências implícitas e explícitas ao Espírito Santo. A título de exemplo, cito algumas. “Nele estava a vida”<sup>14</sup>. Nesta afirmação, ele vê um significado pneumático: “trata-se do Espírito vivificante que repousa sobre o Filho e com ele constituindo a díade da revelação do Pai, habitando “nele”<sup>15</sup>. “E nós vimos a sua glória”<sup>16</sup>. Esta **glória** é a manifestação do Espírito que repousa sobre Jesus. Também a “glória” que Jesus manifestou, ao

5 Cf. Jo 16,12-14.

6 *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo, EP, 1983, 145.

7 Cf. 15,26-27.

8 *Op. cit.*, 129.

9 Cf. Jo 1,1-3.

10 Cf. Jo 16,28;17,5

11 *II Paráclito*. Bologna, EDB, 1987, 322.

12 Jo 1,1-2.

13 S. Bulgakov. *Op. cit.*, 320.

14 Jo 1,4.

15 S. Bulgakov. *Op. cit.*, 321.

16 Jo 1,14.

realizar o seu primeiro milagre nas bodas de Caná, é uma referência ao Espírito Santo<sup>17</sup>.

No capítulo terceiro (o encontro de Jesus com Nicodemos), o Espírito Santo é, de modo explícito, o tema do diálogo. Depois, vem a afirmação: "O Pai ama o Filho e tudo entregou em suas mãos"<sup>18</sup>. Este amor é uma referência ao amor hipostático do Pai pelo Filho. A **água viva**, tema do diálogo de Cristo com a samaritana<sup>19</sup>, é também uma referência ao dom do Espírito Santo, pois a promessa do dom da **água viva**<sup>20</sup>, feita no dia mais solene da festa das tendas, é interpretada pelo próprio S. João como referência ao dom do Espírito Santo: "Ele falava do Espírito que haveriam de receber todos os que nele crescem. Pois ainda não havia Espírito, porque Jesus não fora ainda glorificado"<sup>21</sup>. Ainda, no diálogo com a Samaritana, Jesus fala da adoração do Pai "em espírito e verdade"<sup>22</sup>, ou seja, no Filho e no Espírito Santo<sup>23</sup>.

17 Jo 2,11.

18 Jo 3,35.

19 Cf. Jo 4.

20 Cf. Jo 7,37-39.

21 Jo 7,39.

22 Jo 4,23.

23 Cf. S. Bulgakov. *Op. cit.*, 322.

24 Cf. *ibid.*, 323

25 Cf. *ibid.*

26 Jo 6,63.

27 Jo 6,26.

28 Jo 8,22-26.

Sobre o conteúdo pneumático do capítulo quinto, que registra o discurso sobre a ressurreição e a vida eterna, observa Bulgakov que todo esse capítulo apresenta uma série de referências indiretas ao Espírito Santo, pois **ressuscitar** e **vivificar** são obras do Pai e do Filho realizadas no Espírito Santo<sup>24</sup>. Ainda, neste capítulo, encontra-se a afirmação de Jesus: "um outro é que dá testemunho de mim"<sup>25</sup>. Este "um outro" é o Espírito Santo.

O discurso eucarístico (capítulo sexto) é todo ele fundamentado na pneumatologia. Além das realidades que o Pai e o Filho realizam no Espírito Santo (ressurreição, vida eterna), fala-se diretamente do Espírito Santo: "o Espírito é que vivifica"<sup>26</sup>. "Minhas palavras são espírito e vida"<sup>27</sup>. A afirmação "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"<sup>28</sup>, se confrontada com a afirmação de Paulo - "onde está o Espírito, está a

liberdade"<sup>29</sup> - possuiria também um sentido pneumatológico<sup>30</sup>.

O capítulo nono narra a cena do cego de nascença. Jesus afirma: "Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo"<sup>31</sup>. A propósito, escreve Bulgakov: "Cristo é a luz do mundo, não somente pela sua própria verdade. Ele, Verbo de Deus, mas, além disso, pelo Espírito Santo que traz consigo e que manifesta nele o Filho. Luz, por assim dizer, não monohipostática, mas diádica, justamente como **Cristo**, Filho encarnado, unguido pelo **Espírito Santo**; é somente, nesta plenitude, que podemos entender a palavra de Cristo sobre a luz"<sup>32</sup>.

A confissão de Marta - "Eu creio que tu és o Cristo"<sup>33</sup> - é também uma profissão de fé implícita no Espírito Santo, pois Cristo significa o unguido pelo Espírito Santo". "Se creeres, diz Jesus a Marta, verás a glória de Deus"<sup>34</sup>, isto é, verás a manifestação do Espírito Santo.

Assim, nos doze primeiros capítulos, a partir de uma perspectiva trinitária, existem referências ao Espírito Santo. Mas é, no discurso da Ceia, onde a perspectiva trinitária é

retomada de forma explícita, que encontramos os principais textos sobre a revelação do Espírito no Novo Testamento. Neste discurso, Jesus fala na condição de Paráclito, isto é, como mediador junto ao Pai e consolador. Ele promete um **outro** Paráclito, alguém igual a ele mesmo. Ainda mais, o discurso da Ceia revela explicitamente o mistério trinitário. Observa Bulgakov: "... o verdadeiro sujeito não é nem o Filho que fala, nem o Espírito Santo do qual se fala, mas a duo-unicidade na qual se revela o Pai. O Espírito não se revela a si mesmo, mas aparece totalmente relacionado com Jesus... É a maravilha das maravilhas, o evangelho dos evangelhos, a palavra mais doce do dulcíssimo Jesus"<sup>35</sup>.

Nos capítulos anteriores ao discurso da Ceia, quase sempre a revelação do Espírito Santo é feita por imagens: o vento, a água, a vida, a luz, a glória. As imagens mais significativas são o **vento** e a **água**. O vento, ou seja, o ar em movimento, indica, ao mesmo tempo, o caráter misterioso do Espírito e a liberdade de sua ação. Ao contrário do Filho que se encarnou e, por isso, pode ser ouvido, visto e apalrado<sup>36</sup>, o

29 2Cor 3,12.

30 Cf. S. Bulgakov. *Op. cit.*, 324.

31 Jo 9,5.

32 S. Bulgakov. *Op. cit.*, 324.

33 Jo 11,22.

34 Jo 12,40

35 S. Bulgakov. *Op. cit.*, 326.

36 Cf. 1Jo 1,1-3.

Espírito não se encarnou. Não assumiu nenhuma forma humana. Permanece simplesmente **espírito** e, portanto, não pode ser visto, ouvido e apalpado. Ele é semelhante ao vento: percebemos sua presença pelos efeitos que provoca. O vento é ainda símbolo da liberdade do Espírito, que sopra onde quer<sup>37</sup>. Sua ação é incontável. À semelhança da **água**, o Espírito é fonte de vida. É princípio de um novo nascimento, o nascimento do alto<sup>38</sup>.

No discurso da Ceia porém, a revelação do Espírito é feita sobretudo através dos **títulos** a ele atribuídos. O evangelho registra os seguintes: “Espírito Santo”<sup>39</sup>, “Espírito da Verdade”<sup>40</sup> e “Paráclito”<sup>41</sup>. “Espírito Santo” é um título que aparece uma só vez, e com duplo artigo: **o** Espírito **o** Santo. É uma maneira de indicar o seu caráter pessoal. Ele é denominado santo, porque a santidade não é apenas apropriada por ele. Ele é a santidade divina personificada. A santidade hipostasiada, na expressão de S. Basílio<sup>42</sup>.

“Espírito da Verdade” é um título que, em todo o Novo Testamento” só aparece no quarto evangelho. Na primeira carta de S. João, existem fórmulas correspondentes: “espírito e verdade” e “o Espírito é a verdade”<sup>43</sup>. Essas expressões significam que o Espírito Santo é o dispensador da verdade de Jesus. A expressão do evangelho “o Espírito da Verdade” designa a atividade principal do Espírito: comunicar a verdade de Jesus, fazendo-a penetrar na vida das pessoas. Revelar a verdade plena do mistério de Jesus.

**Paráclito** é o título que possui maior peso e conteúdo teológico. Aparece quatro vezes no evangelho<sup>44</sup>. Aparece, na primeira carta, para designar a Cristo<sup>45</sup>. Na oração sacerdotal, proferida na Ceia, Jesus fala na qualidade de Paráclito, de mediador e intercessor junto ao Pai. Promete porém enviar um outro (állon) Paráclito, alguém igual a ele mesmo, para ficar conosco. Trata-se de uma **substituição**. “O tema da substituição é tão forte, que quase

tudo o que foi dito sobre o Espírito Santo já foi dito sobre Jesus. O Espírito emerge claramente como uma presença pessoal - a presença permanente de Jesus enquanto este estiver ausente da terra e com o Pai no céu”<sup>46</sup>. Este fato mostra o caráter pessoal do Espírito Santo e também a relação entre a missão do Filho e a missão do Espírito Santo. O Espírito não se revela a si mesmo, mas aparece essencialmente relacionado ao Filho. É, nesta relação, que o Pai é revelado. Assim como Jesus é o revelador do Pai, o Espírito é o revelador do Filho. Sua missão é conduzir ao conhecimento da verdade do Filho. É conduzir à **verdade plena** do mistério de Jesus. Aliás, a penetração na verdade plena do mistério de Jesus já é realizada pelo autor do evangelho. Ele, testemunha ocular do evento Jesus Cristo, conseguiu penetrar, pela ação do Espírito, o mistério escondido na humanidade de Jesus e na letra do evangelho, revelando essa “verdade plena” à sua comunidade.

A missão do Espírito é ainda **dar testemunho**, de Jesus em coordenação com o testemunho dos discípulos<sup>47</sup>. Assim, a obra da salvação é operada pelo Pai nesta relação essencial do Filho e do Espírito. Se-

gundo a expressão de S. Irineu, eles são as duas mãos pelas quais o Pai age no mundo.

No quarto evangelho, o Espírito aparece não só na sua relação com o Pai, do qual procede e o envia. Não só na sua relação essencial ao Filho, que intercede ao Pai para enviar o outro Paráclito, mas aparece na sua **relação com a Igreja**. Quase todos os verbos, usados para designar a missão do Espírito, são verbos de ação e colocados no tempo futuro, isto é, no tempo da Igreja. Ele ficará **para sempre**, o que implica uma assistência não só aos apóstolos, mas também aos seus sucessores e à Igreja em geral. Esta nasce do dom do Espírito. Este dom é concedido no próprio ato da morte de Jesus: “Inclinando a cabeça, transmitiu (*parádoken*) o espírito”<sup>48</sup>.

Transmitiu-o à Igreja presente ao pé da cruz, representada por Maria e pelo discípulo amado. Com o dom do Espírito, que gera a Igreja, a obra de Jesus chega à sua plenitude. É consumada<sup>49</sup>. O dom do Espírito é ainda expresso simbolicamente pela água, que brotou do lado de Jesus, transpassado pela lança do soldado<sup>50</sup>. Cumpriu-se, nesse momento, a promessa anteriormente feita: Jesus é o templo e a fonte, donde jorra o

37 Cf. Jo 3,8.

38 Cf. Jo 3,3-7.

39 Jo 14,26.

40 Jo 14,17; 15,26; 16,13; cf. 1Jo 4,6.

41 Cf. Jo 14,16; 15,26; 16,7.

42 Citado por P. Evdokimov. *O Espírito Santo na tradição ortodoxa*. São Paulo, Ed. Ave Maria, 90.

43 1Jo 5,6.

44 Cf. Jo 14,16.25; 15,26; 16,7.

45 Cf. 1Jo 2,1.

46 Raymond E. Brown. *Op. cit.*, 133.

47 Cf. Jo 15, 25-26.

48 Jo 19,30. A Bíblia de Jerusalém, comentando este texto, observa que o último suspiro de Jesus é um prelúdio da efusão do Espírito.

49 Jo 19,30.

50 Cf. Jo 19,34.

Espírito para todos os que nele crêem<sup>51</sup>. Existe aqui, um pormenor significativo. Quando o Espírito desceu sobre Jesus, no momento do seu batismo, João Batista confirmou o evento com seu testemunho: “Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e permanecer sobre ele”<sup>52</sup>. Agora, quando o dom do Espírito é concedido à Igreja, no momento do seu nascimento, outro João dá testemunho: Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro”<sup>53</sup>.

Existe ainda um terceiro modo de doação do Espírito. Ele é comunicado aos Onze para que possam exercer o ministério eclesial de perdoar os pecados, fruto do mistério pascal<sup>54</sup>. S. João é o único evangelista que mostra o perdão dos pecados como dom do Espírito Santo. Jesus comunica esse dom “soprando sobre eles”, inaugurando, de certo modo, a nova criação. Assim aparece, no quarto evangelho, o elo profundíssimo entre Jesus, o Espírito e a Igreja, tendo, como pano de fundo, o mistério trinitário.

**Concluindo**, podemos dizer que a teologia do quarto evangelho parte da contemplação do mistério da Trindade para falar de cada uma das Pessoas divinas e de sua missão na

economia da salvação. A Trindade representa a concepção original de Deus. A missão do Filho e a do Espírito aparecem intimamente relacionadas. O Filho vem como dom do Pai para cumprir a sua vontade e revelá-lo. O Espírito vem como dom do Filho para manifestá-lo, dar testemunho dele e concluir, com seus dons, a sua obra. Entre as obras do Espírito, encontra-se a Igreja, comunidade que guarda a memória de Jesus, celebra a sua presença de Ressuscitado, dá testemunho dele e o anuncia ao mundo. Tudo isso é possível pela ação permanente do Paráclito.

Também o Espírito é revelado com relação ao **mundo**. Trata-se de uma relação, de certo modo, conflitual. O mundo é condenado por não reconhecer o Espírito, por não conseguir discerni-lo através de suas manifestações nas obras de Cristo<sup>55</sup>. Mas, de outro lado, o Espírito tem, por missão, convencer o mundo do pecado<sup>56</sup>, isto é, quanto à consciência do pecado em vista do perdão.

Pe. Dr. Benedito Beni dos Santos é professor titular e vice-diretor dos cursos de pós-graduação na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## CASAMENTO E VALORES SOCIAIS: O TRIUNFO DO DISCURSO AMOROSO\*

Silvia Maria Jardim Brügger\*

### A IMPORTÂNCIA SOCIAL DO CASAMENTO

O Capitão-de-Mar-e-Guerra, Antonio Rio dos Santos, e Dona Maria Antonia da Conceição se receberam em matrimônio no dia seis de dezembro de 1817, na Capela da Residência Episcopal de Nossa Senhora da Conceição<sup>1</sup>, na forma dos “casamentos de consciência”, que eram contraídos às escondidas, sem a publicação dos banhos, mediante a autorização especial do Bispo. Mas, por que algumas pessoas desejavam contrair o enlace conjugal às escondidas? Antonio e Maria Antonia declararam que havia muitos anos que viviam na “figura e fama de casados”, tendo desta união cinco filhos vivos. Publicamente, eram reputados como tendo-se recebido, matrimonialmente, na Igreja de São Julião da cidade de Lisboa, local de origem da noiva e onde, talvez, o noivo tenha estado por algum tempo.

Os freqüentes movimentos migratórios, sem dúvida, possibilitavam situações como estas. Vitor Landoni,

natural de Milão, e Angela Voletti, do Estado Sardo, chegaram juntos ao Rio de Janeiro, em 1850, e, embora se achassem em “ilícito comércio”, foram “pelo público tidos legitimamente casados”<sup>2</sup>. Em 1852, regularizaram sua situação perante a Igreja, através da celebração de um “casamento de consciência”. Outros, porém, não tiveram a mesma pressa que Vitor e Angela na legitimação de sua união. Francisco José de Souza Calisto e Ana Tomásia Calisto viveram juntos por mais de 27 anos até contraírem um “casamento de consciência”, em 25 de junho de 1863. O noivo alegou, em sua petição que (...) não por desrespeito à Igreja, nem por motivo outro além das circunstâncias de pouca importância, adiou de dia em dia a reparação que a essa senhora devia, e tal era a sua intenção cumprir a palavra de casamento que lhe dera, retirando-a da casa de seus pais, habitantes da Ilha do Faial, que aos mesmos e aos mais parentes dela fez constar havê-la recebido como sua legítima mulher, que neste caráter como tal

51 Cf. Jo 7,38-39.

52 Jo 1,34.

53 Jo 19,34.

54 Cf. Jo 20,22.

55 Cf. Jo 14,16-17.

56 Cf. Jo 16,8-9.

\* # Artigo publicado originalmente na Revista *Cativeiro e Liberdade*, Ano II, vol.3, 1996 e editado nesta *Revista de Cultura Teológica* com autorização da autora.

<sup>2</sup> Ibidem